

Publica-se aos sábados  
Sob os auspícios da Liga  
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:  
ANNO. . . . . 10\$000  
SEMESTRE. . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO  
Nas assinaturas para o exterior  
há a diferença do porte do Correio.

# Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:  
**EDGARD LEUENROTH**  
Redacção e administração:  
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)  
CAIXA POSTAL, 195  
Endereço telegraphico: LANTERNA  
Toda correspondência ao director

## AS CLERICAPULICES DA GAZUA DO POLVO

Em extenso editorial do dia 2 do mês do ano do judeu Cristo 1914, a *Gazua do Polvo* (perdoe, *Gazeta do Povo*), órgão genuíno dos interesses clericapulices do E. de S. Paulo, a *Gazua do Polvo* — dizia eu — em extenso editorial, chamou a atenção de seus socios conmanditarios sobre os progressos que actualmente o catolicismo está fazendo nos diversos países do mundo.

Dizia a *Gazua do Polvo* que «nesta hora de desconcerto e agitação para os povos, a quem tantos males ludibriaram, todos os católicos do mundo andam empenhados em projectar a luz vivificante do evangelho», acrescentando que todas essas conquistas(?) pressagiam a victoria social da cruz nestas abençoadas terras.

Mas que fizeram durante 2.000 anos, que ainda não tiveram tempo de conquistar estas terras abençoadas?

Monumental crápulo da *Gazua*! Desgracados de nós se ajuda tiestesmas a ineluctabilidade das coisas, a ignorancia, de cair sob o domínio detestável do banditismo clerical!

E que julga a *Gazua* que ainda nos deixaremos enganar pelos tenebrosos manjões da clericapulice?

E que ainda nos julga facilmente conquistáveis?

A *Gazua* está embriagada! Ora quem, hoje, com a conquista do mundo, só mesmo pôde estar bebendo!

No parovismo de sua formidável bebedeira, pondera ainda a *Gazua* que os católicos, sabendo que a ideia cristã acomoda-se perfeitamente aos tempos e lugares, querem torna-la conhecida e mostrar, com a palavra e a acção, como ha de exercer o seu domínio sobre as intelligencias. — «E' óculo assim — conclue a *Gazua* — que os homens reconhecerão a ideia cristã, o guia que os conduzirá a paz e a luz, que lhes apontará a felicidade. Só assim reconhecerão que o cristianismo não é uma coisa morta, mas uma ideia viva (sic), para dar mais uma vez à sociedade uma fonte abundante de bem-estar, de riqueza, de prosperidade».

Mostra! Grapule! Bebedeira! Patranha da *Gazua*!

Já é tempo, em 20 seculos, que os homens conheçam a ideia cristã. Esta é conhecida de norte a sul e de este a oeste. Porque é que, sendo conhecida nas cinco partes da Terra e durante duas decenas de seculos, ainda não foi adoptada?

Evidentemente, porque não pôde ser, e de facto não é, boa. A prova do que é que, em 1.600 milhões de homens que habitam o planeta, apenas 200 milhões é que são católicos, isto é, um oitavo da população da Terra. Que faz a Igreja católica em todo esse tempo? E note-se que, conforme diz Dide e todos os historiadores, durante 15 seculos a Igreja católica teve a sua disposição todos os meios repressivos. Negava isso a *Gazua*? Desde que se prostituiu a Constantino, em 313, até ao fim do século XVIII, a Igreja católica teve ao seu serviço todos os despotas e assassinos.

Constantino, seu primeiro amado, exilou Ario e perseguiu os arianos; Maximiano prestou-lhe mão forte para assassinar os priscilianos; a prostituta Teodora auxiliou a Igreja na perseguição dos maniqueus; Póssino o Breve e Carlos Magno trucidaram os lombardos e outros povos para adquirir riquezas à Igreja; os alemães Otton IV e Frederico II auxiliaram Inocencio III na perseguição aos herejes; e quando a Igreja já se viu bastante forte para dispensar o auxilio dos reis, então virou-se contra estes e estabeleceu a Inquisição.

E então, que de lá isso a *Gazua*? Inquisição! palavra terrível, que faz lembrar iniquidade — diz Cantá!

Corta da nossa ignorancia quanto ao tenebroso passado da Igreja

católica, vem nos impingir a *Gazua* que o predomínio católico nos traria bem-estar, riqueza e prosperidade.

Mas isso só se diz aos ignorantes e não a nós, livre-pensadores, que conhecemos a historia da Igreja. Assim, para que tais auspícios da *Gazua* fossem verdadeiros, deveria provar-las com factos. E-nu que tempo, durante o domínio da Igreja, é que a humanidade gozou de bem-estar, foi próspera ou possuía riquezas?

A *Gazua* confunde humanidade com Igreja e povos com padres. E' certo que durante os tempos de geral ignorancia a Igreja foi imensamente rica, prosperava assombrosamente e os padres gozavam um completo bem-estar.

A Igreja, auxiliada pela Inquisição, em braço directo, fariou uma vasta escola de atrocidades e assassinatos. Os padres eram assassinos e ladrões; matavam para roubar. Prova-o claramente a historia geral da Inquisição em todos os países, tanto na Europa como na America. Carlos Koseritz, um fervoroso católico, consignou em um livro actual que durante 600 anos a Igreja Romana arrastou a estúpida rendição do mundo católico por meio de trações e toda classe de artilharia. . . . . 1.690.000.000.000 de réis (1 milhão e 690 mil centos de réis!) (Roma Perante o Seculo, pag. 235; P. Alegre, 1871).

Cantá, outro católico, confessa ingenuamente que quando a Inquisição se estabeleceu na Espanha começou logo a atacar do preferencia os ricos (Hist. Univ., vol. XII, pag. 129). Talhe igualmente atestado aos padres, apesar do positivista, afirma que no século XVIII os bens do clero frances representavam 4.000.000.000 de francos (4.000 milhões de francos!), além de uma renda anual de . . . . . 300.000.000 (300 milhões!) (Os Origens da França Contemporânea, tom. I, pag. 27). Outros ensinam-nos que no século XVI, mais de 5 milhões de pessoas, entre elas prostitutas, sodomitas, pedóstatas, nicotívoros e padres debochados, viviam à custa da Igreja, a qual arrastava um subdesenvolvimento católico mais de 100.000.000 de escudos (Historia da Prostituição, tom. II, pag. 445). Enluto Gante no seu livro Grandes Prostitutas e Famosos Libertinos, diz-nos que no século XVIII o governo frances dava um subsidio ao clero de 2.000.000.000 de francos (2 bilhões de francos); mas o clero, como não precisava desse dinheiro porque tinha uma renda de 200 milhões, gastava esses 2 bilhões de francos nos autos da prostituição (pag. 200). Lachatre registra em praxe que o papa João XXII, para angariar dinheiro, fez uma tabela onde eram perdoados todos os crimes mediante uma certa quantia (Hist. des Papes, tom. III, pag. 124-125). Castellan, um grande historiador e católico espanhol, diz que, em 1489, Inocencio VIII concedeu ao seu questor m. Inglaterra o poder de abolir os crimes de usura, simonia, roubo, homicidio, rapina, adulterio, violações, estupro, deboche, pederastia, sodomia, bestialidade e outros, e autorizou-lhe para garantir, em-bom consciencia, a suspensão e frando de boas alheias, contanto que os gatuos dessem uma parte do roubo ao representante do papa (Hist. de las Persecuciones Religiosas en Europa, tomo II, pag. 170; Barcelona, 1864).

Os vergonhosos passados da Igreja!

Finalmente, Losoyon, Barros Arana, Fray Gerardo e Zaccone (Hist. dos Jesuitas), accusam aos ignominiosos de ladres, assassinos, hipocrisias, impostores, usurarios, avarentos, ambiciosos, gatuos e falsarios!

Realmente é pouco invejável. Entretanto, como ainda ha muito que dizer a respeito, agardem os leitores o meu proximo artigo.

José Martins.

## QUADRO DE ACTUALIDADE



— Se o Excelentissimo Cão de Vendas Esclavistas não quizesse mais... —

## A VELHA CANTILENA

A prosa do caso da freira Emilia.

«Muito disse a Mulher, isto é incoerente, A religião católica-romana, Que fez, da escrava humilde, soberana. E dum Objecto um quierismo celeste!»

Tal coisa a corolada bruta e insana Não creia de climor. E em tom agreste Amaldiçoada quele que protelou.

Que a obra se deve à evolução humana!

Enluto, gente a que nada persuade, A antiga escrava a liberta redentora. E a nova a escrava, a eterna liberdade!

Essa livre a Mulher, hoje, contulda! Muito fizesse a Igreja a nada fôr.

Pois, negando Deo Amor, negou-lhe tudol!

Beato da Silva.

Assim pintado, essa fobia do militar profissional e do exercito — em todo caso singularmente personificados no regimento número 21 e nos seus officiaes — tem sem dúvida o seu quê de loucura mística e de fanatismo.

Matar um offical para ferir simbolicamente o exercito... é um simbolismo muito abstracto e arrevizado para ser comprehendido pela massa, isto é, para atingir o fim de propaganda antimilitarista que tal gesto, — a supol-o raciocinado, — deveria alvejar. Para o entender, necessitaria o povo de o ver enquadrado em circunstanças especiais, como a guerra de Tripoli a explicar luminosamente a revolta de Masetti, ou... de ser já conscientemente antimilitarista e dispensar portanto o simbolo sangrento...

Há, porém, alguns pequenos farrapos da biographia do matador, que nos encaminham talvez melhor para a explicação da dolorosa tragédia. Antonio Enguico, de 26 anos, natural da Covilha, fôr soldado no 21 de infantaria e na Africa tivera baixa pela junta. Nestes traços biographicos, pobres e mesquinhos como a triste personalidade que eles esboçam, já quase podemos adivinhar a vida lastimável dum homem do povo sujeito ao tributo de sangue e à vida stroz da caserna.

O Antonio Enguico esteve na Africa e teve baixa pela junta... Sim, é possível que não fosse muito equilibrado. Mas que parte nesse desequilíbrio coube ao quartel, ao exercito?

Assim, a frase explicativa do seu acto — se foi realmente proferida — é por certo, não a fórmula teorica duma ideolo-

gias, mas a expressão do odio duma vítima.

Aquele offical ou outro, pouco lhe importava. Antonio Enguico odiava o exercito e os agalados, que o tinham feito sofrer, que o tinham porventura inutilizado para a vida...

E os pobres, os proletarios, os miseráveis fornecem tantas dessas victimas ao Moloc sanguiscento da guerra e do militarismo!

Por isso, os raros actos de revolta e desespero dos trucidados são os sintomas, as manifestações inevitáveis dum mal maior, que não pode desaparecer em regime de privilegio. Insensatos ou reflectidos, nocivos ou necessarios, são como o brado de protesto da miséria e da dor.

Neno Vasco.

P. S. — A redacção pôs uma nota no fim da minha correspondência sobre o Congresso de Tomar, para dizer que não concorda com o que escrevi no ultimo periodo.

Afirmem terem-me parecido um tanto confusos os debates e resoluções do Congresso Operário Brasileiro do ano passado. Foi impressão que me ficou da leitura do relato, no numero de 1 de outubro da *Voiz do Trabalhador*. Mas não se tome a minha apreciação num sentido absoluto: essa impressão é insignificante em face do contentamento que a orientação predominante no Congresso me causou. E a propósito vem dizer que tive o gosto de ler, no numero de 1 de março da *Voiz do Trabalhador*, um artigo de Zenon de Almeida a confirmar, mas nas linhas gerais, a opinião fundamental que exprimi na minha correspondência.

N. V.

N. da Red. — Em outra parte do jornal publicamos uma nota sobre este P. S. do nosso estimado amigo.

Desapparece misteriosamente a filha de Ferrer

Estaremos diante de mais um crime dos jesuitas?

A *Noticia*, do Rio, publicou este importantissimo telegrama:

LONDRES, 30. — Está causando enorme sensao o subito e inexplicavel desaparecimento de Carmen Ferrer, filha do suplicado espanhol Francisco Ferrer.

A mãe de Carmen Ferrer solicitou o auxilio das autoridades consulares da Espanha, para a descoberta do paradeiro de sua filha.

Como vêem os leitores, trata-se de um facto gravissimo que, segundo a noticia telegraphica, está justamente causando grande sensao em Londres.

Tratar-se-á de um novo crime do jesuitismo odiado e vingativo?

Não seria para estranhar que se viesse a confirmar esta suspensa.

Mesmo depois de terem assassinado covardemente o grande amigo da humanidade soffredora, proseguem os miseráveis mensageiros da mentira do crime na sua obra infame, tentando apagar-se dos bens da Escola Moderna e procurando donizar a familia.

Bem pode ser, pois, que a filha do grande martyr tenha sido raptada pela gente da Igreja.

NU PARANA' E NA SOROCABANA

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha está percorrendo o Estado do Paraná, devendo depois descer pela linha Sorocabana.

Por certo não negarão os nossos amigos e assassinas das localidades que vão ser percorridas a conjuvação dos seus esforços para o bom fim exito da missão do nosso companheiro.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

## 48 horas no Asilo Bom Pastor do Rio

O que observou e está publicando um repórter

II

A pequena capela deu-me a impressão de vazio. Só via, a rebulir, o altar fortemente iluminado em homenagem ao Santissimo, num oratorio sem labores, de uma simplicidade de eremiterio.

As vozes erguiam-se, afínadas, dolentes, embaldoradas. Aquele misterio com o qual me puzera em contacto levou-me a onda de misticismo que rolava na penumbra da capela, ondulava e ia fazer tremeluzir as linguas vermelhas das velas do altar.

A meu lado a pequena loira não cantava.

Tinha-se acocanhado a mim e passava pelo rosto a pele do meu acanhado. Dizia-me umas coisas vagas, que me pareciam carinhosas. Mas, flava, não entravamente que eu não a distinguia, os seus ouvidos cheios pelo cantico religioso que parecia abrir as paredes da capela e alastrar-se pelo mundo e subir, subir muito, pelo azul, até chegar lá em cima e despertar a atenção de infelizes que lhe exalavam a piedade e a dor.

O cantico parou.

Estalaram duas palmas secas, e todas, como bonecas automaticas, calaram de brucos e beijaram o solo da capela!

Estava terminada a tarde mariana.

Todas se ergueram e saíram. Saí correndo, com um dor forte nos joelhos.

A madre superiora veio buscar-me:

— Vamos, minha filha, mudar esses trajes seculares.

Fui como a e mais duas irmãs, até a rouparia. Era um quarto pequeno e escuro, sem janelas.

Apresentara-me o primeiro habito. Medido. Não me servia, era curto. Assim, experimentei uma serie de habitos sem resultado.

As freiras afirmavam que eu era a recolhida mais alta do asilo. Tirava da minha conclusão: é que a maioria das asiladas era *mignone*.

Afinal a madre superiora lembrou que talvez num baú, existisse um habito comprido. Foram buscado. Enquanto isso veio uma freira velhinha, segurando uma vela, que se aproximou de mim e levantou a vela à altura do meu rosto para me ver bem. Que lhe teriam dito a meu respeito, para eu

\*\*\*\*\*

BIBLIA VERMELHA

Onde quer que haja sangue vertido a legitimar, pirataria a congnar, violações a benzer, hediondos commercios a proteger, tem-se a certeza de o ver, esse Tartufo britânico, proseguir, sob pretexto de proselitismo religioso ou de trabalho scientifico, na obra da conquista abominavel. A sua sombra audaciosa e feroz perfila-se na desolação dos povos vencidos, agarrada à soldado chacinador e do Shylock usurario. Nas florestas virgens, onde o europeu é mais justamente temido do que o tigre, no limiar da humida palhotta desvasta, entre as cabanas incendiadas, aparece elle após o morticínio, como nas noites de um dia de batalha o repugnante que vem zaquear os mortos. Digno par aliás, do seu concorrente, o missionario catolico, que tráz tambem a civilização na ponta dos archotes, das espadas e das baionetas... Ah!... A China está invadida, roída por esses dois flagelos.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.

Octavio Mirbeau.



lhe despertar tamanha curiosidade?

— Afinal apareceu o habito comprado. Servia-me á maravilha.  
— Não quer fazer colação?  
— O que, minha irmã?  
— Não quer tomar mate?  
— Não, muito obrigada.  
— Então podemos ir até ao recreio.

Sai com elas até a sala das aulas. A sala nada de extraordinário. Cadeiras baixinhas, com assento de madeira. Ao fundo uma espécie de balcão, uma cruz em cima, um pequeno vaso de flores de cada lado. Ao canto, á direita, quasi á entrada da porta que dá para a escada, um piano e duas máquinas de costura. Era o material escolar do Asilo!

A aula consistia, nesse momento, num exercício de catecismo. As duas irmãs prelecionavam sobre os pecados mortais...

Novas duas palmadas secas. A preleção tinha acabado. Soa o momento do recreio. Uma algarazza violenta levantou-se em toda a sala. As alunas agruparam-se em torno das irmãs, que eram interpelladas, no mesmo tempo, sobre assuntos quasi infantis. Outras, de alegria, rebolavam-se pelo chão, aos gritos, como moleques que tivessem escapado do quarto escuro! Havia um alvoroço tumultuoso em toda a sala. As irmãs tapando os ouvidos davam corridinhas.

Eu estava atordada naquelle meio. Uma pequena, a Modesta, indizinha de doze annos, dava pulos e gritinhos.

E a loirinha.  
A loirinha andava, lá ao fundo, pelo braço de uma asilada morena e gorda. Pareciam muito entretidas na conversa que sustentavam.

Perdia-me através da reboada de habitos que pulavam, que gritavam, que se agitavam, como seres tomados por uma loucura subita. Devia ter conhecido o mesmo aos pacatos habitantes daquela cidade que Julio Verne conseguia agitar com o gar do dr. Ox...

Novas palmadas.  
O ruído calou-se como por encanto.

Tinha terminado o recreio. Uma asilada pardinha, simpática, risonha, de uns belos dentes alvos, chamou-me e guiou-me até ao dormitório.

Lá explicou-me:  
— Aqui está sua cama. Tem de se despir ajoelhada, mas não tire a capinha do habito para não descobrir os hombros. Só depois de se deitar é que pode tirar a capinha de baixo da coberta.

Mal tinha acabado, quando entraram no dormitório as outras asiladas. Cada uma ajoelhou junto á cama e procurou despir-se. Á sala é ampla, com janelas de um lado, todas fechadas. As paredes todas brancas como o interior de um túmulo. As camas são pequenas e estreitas. No chão quatro colchões. Todas se deitaram. Novas palmadas.

Em todas as camas se ouviram os vultos mal iluminados por um pallido e bruxoante bico de gaz.

A madre!  
— Ave Maria!  
O côro:  
— Ave Maria! cheia de graça...

Acabou o tom lamuriado da ressa.

Todos se deitaram, mas lá em cima, rebentou um grito frio, estridente, magoadão...

Que seria?  
Os gritos succediam-se. A madre saiu apressada do dormitório. E os gritos continuaram e desceram, escada abaixo, continuos, soluçados, arrepiantes!

Que seria?  
E os gritos lá em baixo persistiam, enchendo o silencio da casa, fazendo eco, passando como um fantasma apavorante por sobre os corpos adormecidos daquellas criaturas que tinham entregue á guarda da sua alma á Virgem que devia velar no céu!

A noite parecia-me infundável! O tempo, que nos dias felizes arrasta em turbilhão as horas, parecia que as levava agora num lamentavel carroço de eixos partidos!

Foram lentos os minutos, foram intermináveis as horas. Á vasta sala, toda branca, povoada de sombras inquietas, parecia um necrotério de almas. Nos colchões que ficavam espalhados pelo chão, dormiam quatro criaturas desasocadas que gemiam, que sofriam, decerto. Pareceu-me ouvir passos leves, de pés nus...

Alguem se levantou. Talvez alguma das que sofriam...

Lá em baixo os gritos eram abafados agora, como se fossem coados pela espessura de portas entreabertas.

Estremei. Alguem me tinha tocado.  
— Estas acordadas?  
— Estou.  
— Eu tambem estou sem sono. A gente aqui acorda muito cedo, mas eu á noite não tenho sono. Gosto mais de conversar. E' tão bom conversar, não?

— O melhor é você ir deitar-se. Pode aparecer por aí alguma freira...

— Qual! Estão dormindo. E, depois, está esse diabo lá em baixo, á gritar.

— Quem é? E' alguma doente?

— E' doente, sim, porque é maluca. Isto aqui está cheio de malucas. Você vai ver e vai divertir-se muito. Olha, a que está lá em baixo quer casar. Espera o noivo á noite. O noivo, como é natural, não vem.

Ela então, quando está de lua, começa á gritar e grita á noite inteira. As irmãs são muito boas, que a aturam. Se fosse eu já a tinha mandado para o hospício... Estou sentindo frio, deixa-me deitar aí contigo...

— Olha, a irmã vem aí...  
— Não se pôde conversar descansada...

E a pequena fugiu, leve, rápida, já habituada áqueles passeios noturnos, sem se perturbar com os colchões disseminados pelo chão!

E as horas arrastavam-se lentamente...

## GRANDE REUNIÃO LIBERTARIA

Terá lugar no dia 14 do corrente, domingo, ás 14 horas (a da tarde), na rua José Bonifácio, 39, sobrado, a grande reunião dos anarquistas de S. Paulo e arredores promovida pelo Centro Libertário.

Nessa importante assembleia do elemento libertário serão tratadas questões verdadeiramente interessantes para o desenvolvimento da sua obra, destacando-se dentre ellas a adesão ao Congresso Anarquista Internacional, que será realizada em Londres no mez de setembro e a agitação contra a carestia da vida e a desocupação. Será tambem debatida a conveniência do elemento libertário se dedicar ao trabalho da organização da classe trabalhadora.

Ao que sabemos, já aderiram a essa iniciativa, decidindo tomar parte na grande reunião do dia 14, além do Centro Libertário, os grupos seguintes: Grupo de La Propaganda Libertaria, Grupo de A Rebelião, Circulo Dramatico Libertario, desta capital, devendo tambem a ele comparecer os representantes do Grupo Anarquista Renovação, de Santos, e os elementos do Alto da Serra, Ribeirão Pires, S. Bernardo, Lapa, Agua Branca, etc.

Pelo interesse que está despertando, não resta duvida que essa assembleia do elemento anarquista se resistirá de notavel importancia.

O Centro Libertario faz um vivo apelo a todos os libertários, sejam quaes forem as suas tendencias ou preferencias, para que compareçam a essa reunião, considerando convidados mesmos aqueles que ainda não tenham recebido o seu boletim.

## O QUE VAI PELO MUNDO

Mancha internacional do movimento internacional, livre-pensador e social

### FRANÇA

Um parágrafo

Por causa da sua brochura *Como confessar os peccados ás jovens casadas solteiras*, foi queirido pelos clericos o poeta operario Eugenio Besson, acusado de ultrajes aos bons costumes. Ultrajar os bons costumes é, para os padres, narrar o que eles fazem! Á si proprios se condemnaram. Esta brochura circula ha muitos annos em França; e já em 1910 foi barbaeramente espantado pelos amováveis discipulos de Cristo á pobre pensadora ambulante, allejada, que ganhava o seu pão, vendendo a nas ruas de Epernay.

Agora, a magistratura e a policia, ás ordens dos clericos, ordenaram e executaram uma busca em casa do poeta, apreendendo trinta mil exemplares do opusculo.

Eugenio Besson, operario marceniro e poeta de valor, combate com effeito o clericalismo e o militarismo, de ha cerca de quarenta annos para cá. A persegução que lhe é movida tem indignado todos os homens de ideias livres e elevadas; e no dia 17 de maio foi offerta á Besson uma festa de confraternização, solidariedade e protesto, em Leffic. Iniciava-se ao mesmo tempo uma campanha em favor do poeta e da liberdade de pensamento, que parecia dever estar já garantida em França, ao menos em materia religiosa!

S. S. G.

## UBERABA

### OS EFEITOS FUNESTOS DA OBRA CLERICAL

E' deveras digno de lastima o que trouxer desta importante cidade — a Princesa do Sertão.

Antes da invasão jesuitica, era Uberaba a primeira cidade de Minas; não mesmo Juiz de Fora, essa perla querida onde floresce a industria e onde a civilização caminha, lhe levava a palma, pois Uberaba era o grande império comercial do Estado, era o centro anacardista que fornecia aos Estados de Goiás e Mato Grosso, tendo casas comerciais que vendiam milhares de contos de réis; era o ponto escolhido pelas familias sertanejas para deslocarem ou se recrearem; era o ponto de reunião de homens de espirito livre e de bons costumes que impunham a sua vontade a bem do progresso e a quem o governo do Estado obedecia, porque esse conjunto representava uma força eleitoral!...

Depois que se criou o bispado, depois que a corja infame dos jesuitas invadiu este querido torrão, começou a sua decadência moral e material, porque os infames sectarios da nojeira seletta, começaram por fervilhar intrigas dentro dos lares honestos, implantando neles a discórdia e a desavido!

Fizeram a desunião dos homens de ideias liberais, a ponto de eles se tornarem inimigos uns dos outros em prejuizo dos sublimes ideais do progresso.

Hoje, Uberaba parece mais uma Pompeia do que uma cidade com vida! Ruas e casas ao abandono, associações esfaceladas e o commercio ás moscas porque não tem a quem vender!

Para avaliar a vilania dessas aves de rapina, basta afirmar que aqui existiu outrora a melhor loja maçoica do Estado, que teve um quadro de mais de quinhentos agremiados e que hoje se acha em completo abandono, levando esses bandidos o seu crime ao ponto de arrombarem as portas do seu templo, de onde roubaram todas as cadeiras, que eram muitas centenas, e quebraram todas as suas alfaias e quadros! Não satisfeitos ainda, esses bandidos aconselharam a molecagem inconsciente, a que, ao passar em frente do predio, lhe atirem pedras, o que tem sido feito, não existindo mais os vidros das suas janelas! Não

satisfeitos com isso, fizeram mais: mandam essa mesma molecagem fazer os seus despejos nas escadas do edificio e em seu primeiro pavimento, transformando assim aquele templo, onde outrora tantas familias pobres achavam amparo e tantos meninos beberam a luz da instrução, em cloaca publica!...

Fomos verificar de visu estas misérias e para ficarmos ainda mais contristados, ainda encontramos entre os despejos do repugnante crime o livro de chamada dos alunos, que accusava uma frequência media de setenta e seis alunos!

De entre esses não haverá ao menos um que, despertando a consciencia adormecida, levante um grito de protesto? Será possível que esse virtu venecoso infiltrado pelos malditos jesuitas, tenha atingido a todos uberabenses?...

Vamos, srs., basta de infâmias! Levantai-vos brasileiros! Levantai-vos moços em quem se funda a esperança desta terra, expulsi a cafila de jesuitas que inflicta o abençoado torrão onde vistes a luz do dia, salvai o vosso nome, salvai a Princesa do Sertão!

Uberaba, 30 — 5 — 914.

Ganganelli 91.



## Secção amena

O coadjutor duma paróquia, mui crente em milagres, é detido por uma pobre viuva que, com uma longa e afflicta choroadeira, lhe pede uma esmola. Certo de não ter consigo um vintém, o padre dá este triste vintém á viuva, que insiste, chorosa:

— Se V. R. procurasse bem nos bolsos... Aí! Ainda que fosse só um vintém...

O padre obedece e de repente, com indizível assombro, tira uma nota de cinco mil réis.

Milagre! exclama a mãe. Esta nota é sua, mulherzinha. É sua, pois é Deus que lhe manda! Tome lá, Milagre!

E corre aborçado ao presbiterio, onde narra o espantoso caso ao paroco. Este, frio e incredulo, ouve a narrativa, e de subito assalta-o uma dolorosa suspiração. Empalidecendo e com voz assustada, grita:

— Oh! diabo, veja bem! Não terá você, por engano, vestido a minha batina?

Um jovem vigário encontra um antigo condiscipulo, jovial e malicioso, que lhe pergunta, entre boas risadas, se o negocio rende e se a paróquia é rica e generosa. Em maré de alegres confidencias, o padre responde que não está descontente, que leva vida regulada e sem cuidados e que são os enterramentos as operações mais rendosas. E acrescenta, melancolico:

— Infelizmente, não há mais de três mortes por semana...

Dois padres conversam.  
— Não tornaste a ver o nosso colega F.?  
— Não; nem o tornarei a ver.  
— Porque? Votês estão de mal?  
— Não. E' que ele já lá está em cima, no céu...

## NO RIO

### Grande festival de propaganda Pré "Novos Horizontes"

No Salão do Centro Cosmopolita, á Rua do Senado, 215, a realizase em 13 de junho de 1914, ás 20 e 1/2 horas.

#### PROGRAMA:

- 1.ª PARTE — Conferencia pelo canal da I. Gonçalves. Tema: o papel da imprensa na propaganda social.
  - 2.ª PARTE — Canções, hinos e poemas.
  - 3.ª PARTE — Sorteiio de 3 vallores variados.
  - 4.ª PARTE — Balada familiar.
- O festival será abrilhantado com uma harmoniosa orquestra.

## A "Lanterna" em Pitangueiras

Nesta cidade e paróquia, onde o carolismo está no seu auge e onde as bestas contam-se ás centenas, temos um padreiro vindo lá de Portugal, de onde, dizem as más linguas, saiu de gatinhas...

Vindo para estas paragens, parece que achou terra muito propria para cultivar a vinha do Senhor, pois que encontrou aqui uma besta cujo fascínio é cronico — a quem o vulgo chama de Mariquinha — e com quem travou logo conhecimento, combinando-se tão bem que logo fizeram sociedade nas coisas da religião, tanto assim que, actualmente, existem aqui as "Filhas de Maria", o "O apóstolo da oração" e outras coisas tais e tratam agora de, por meio de esmolas funder uma escola de... Maria.

Tambem já deram inicio ás obras para a construção de um novo templo da ignorancia, porque o velho já está tão farto de falsidades, mentiras, hipocrisias e tantas outras coisas deasas que terá ouvido dos penitentes no confessorio que ameaça cair em ruinas, com grande pesar das bestas e dos devotos sacolas.

Mas, dirá o leitor, não ha ninguém que se mova para combater essa invasão do jesuitismo? Não existirão nem ao menos os queridos irmãos de graus tantos...?

Eu vos direi logo, caro leitor: — Existem aqui, sim, os tais irmãos, mas sem vos explicar muitas coisas, diremos simplesmente, por hoje, que existem mas não como factores de progresso e de luz, mas sim dando exemplo de mais decado carolismo (raras excepções feitas), sendo eles os que recebem padres e bispos com discursos, fazendo a apoloia da missa cristã que, a meu simples ver, não é nada mais do que o principal factor do embrutecimento das intelligencias e do cerebro humano.

E... voltarei novamente ao assunto. Ze Ninguém.

## Sempre os mesmos!

Basta lançar os olhos por este grande e fértil Brazil para se ver, num simples relance, que o jesuitismo vai tomando todas as feições da infrengencia, o estabelecendo entre os seus homens uma profunda desarmonia para melhor poder exercer a sua intolerante exploração e obrigar este povo a cair nesse negro e viscoso pó que, transformado em materia pegajosa, nunca poupa os que dele, infelizmente, se aproximam.

E é assim que esses salarizados de batina bem aberto o caminho através da indifferença publica, do conúbio das autoridades e, para cumulo, dalguns proprios adeptos das ideias avançadas que transigem, sem discrepância, com a prepotencia do dogma!

E julgamos estes homens nada influenciar para o país tais nihilias...

E' um crime esse que nenhuma pessoa, verdadeiramente consciente pode tolerar!

E se vejamos as consequências vindouras e até actuaes dessa terrivel e ferroz luta desses fuanambulos da Igreja bem lançada e lancam nos arrais da democracia, quer pela imprensa reaccionaria, quer por estralagemas indecorosos e nojentos!

Ha tempos, a *Gazeta de Notícias* atacou uma celebre e tão discutida sociedade de pecculia, intitulada Mutua Cristã, cujos fins, tão humanitariamente apregoados pelo jornal reaccionario *Cidade do Machado*, representam, como criteriosamente affirmava o dito jornal carioica, um assalto á bolsa do proximo.

Como consentem, pois, as autoridades tais escroquerias? Como admittom que esses estes vis, sem dignidade e honra desprestigiados, por meio duma imprensa cretina, um país que os recebeu, quando expulsa, como perniciosos, do extrangeiro?

A resposta é mui simples: — Porque tanto esse vil imprensa, como essa sociedade Mutua Cristã, tão defendida pela dita folha, é propriedade dos conhecidos reaccionarios, entre os quaes figura um conego, e cujos fins é arranjarem-se á custa dos talhos da luz do espirito, tudo em nome do Deus, que tão vilmente merecedam...

Temo, ou não, portanto, tais bandoleiros preponderancia? Com certeza que sim, porquanto lhes

toleram todos os descabros e roubos, todas as infâmias e calúnias! Será por pensarem como eles, pois consequente, serem contrarios á ordem, ao progresso e á tranquillidade de todos aquelles que andam empunhados em saçar o Brazil dessem morgos do sotana e fazem deito mais uma grande tortura?

Pois se é assim que vão perdendo as esperanças, porque os accaos felizes raras vezes se repetem e quando uma dia esse povo, esse que até hoje tem sido uma sentinella perdida nesse deserto de creanças e ideais se resolver a endireitar isso, não será com certeza para confirmção de tantos burros mascarados de liberais... honrados, mas sim para lavar e por ao sol toda a montureira acumulada nos seus cerebros de repuliana politica, que, infelizmente, se vão consumindo e desprestigiando...

E', portanto, necessario que tenhamos a convicção firme, a ideia solidaria, a fé sincera em todos os verdadeiros apóstolos do livre-pensamento, nascidos do estudo, da observação e da luta, formando uma cypilio forte e invencivel, base de uma dedicacão espontanea e desinteressada.

Assim procedendo, não só obrigaremos esses que nos "dirigem" ao cumprimento dos seus deveres, como fizemos recuar essas viboras que trabalham sficadamente para a ruina desta terra.

Unamo-nos, pois, e ataquemo-lhes escarapadamente!...

Ganganelli 94.

## Scenas da vida clerical

### FORMIDAVEL ESCANDALO NUM CONVENTO

#### Opinião de um cronista pernambuco

Pedem-nos a transcrição da cronica seguinte, na qual o jornalista apreciado da *Tribuna*, Tartarim Holmes, trata do caso da freira Emilia.

Como verão os leitores, ha pontos que chocam com a orientação da nossa folha. Entretanto, na critica geral á praga clerical estamos concordes.

Na lama se encontram, muitas vezes, preciosidades: nos charcos, flores de apimontes; matias; do lodo, quantas vez, surgem as mais encantadoras algas. De um tronco velho arcomido, apodrecido, lá fi florescer uma mimosa parasita, que depois ornamentou a camara nupcial de uma noiva. No seio da miseria, ha tanta riqueza de coração; nos lupanares, em meio do vicio, brotam, por vezes, movimentos sentimentais puros, capazes de se confundirem com as mais viciosas, e altruisticas iniciativas da virtudes.

E que espanto, pois, que sensação poderia eu experimentar, nesse caso que hoje agita Coritiba, que une todas as opiniões, provocado pelo movimento de revolta, por essa resolução nobre e alcorada da freira Emilia.

Recebi a nova como se fôra um facto esperado, como a cada momento esperava a insurreição de espiritos clarividentes contra todas as torpezas, contra todas as coacções estreitas na politica e nos diversos ramos de actividade social.

Apenas, o meu espirito vem de se agitar, vem de emocionarse com as peripetias que se seguem ao gesto digno e consolador daquelle mulher quasi heroica, que teve força e valor bastantes para arrostar, encorajada no sentimento mais doce e precioso da humanidade, — o Amor — contra a pressão a intolerancia, o fanatismo e a exploração de um agrupamento de gente guiada por individuos que se luppuliam com a ignorancia e a crença alheia.

Confrange-me o peito de brasileiro, o filho duma terra livre e democratica, forte e valorosa competidora das nações mais civilizadas, sobre esse bello glorioso do governo republicano, a indigna comedia, burleta, vaudeville, opereta, ou que melhor qualificativo se possa dar a isso que está representando as autoridades policiaes, que não tem trepidado em desfazer da opinião publica para servir aos sordidos interesses de uma comunidade que já não pode merecer quanto a tolerancia da sociedade, quando mais o respeito devido ás creanças do proximo.

E' inervante que num país em que está a liberdade chega ao cumulo de agastar esses repobros expulso das outras terras, se permita que eles



Trata-se, em Santos, com o Luiz Ratto, na rua do Rosario,



